



**QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA. UMA ANÁLISE  
SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL.**

**Ellen Acsa Silva de Siqueira**

**Glauco Cunha Cazé**

**Centro universitário Frassinetti do Recife (UNIFAFIRE)**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo observar o racismo estrutural dentro da obra Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus. No primeiro momento serão contempladas obras como, *O que é racismo estrutural?*, de Silvio Almeida e *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro para embasar o conceito de racismo estrutural e como a educação pode mudar essa realidade. no segundo momento serão consideradas as condutas feministas da autora por ser uma mãe solteira e não se submeter a conjuge de um homem para obter algum tipo de segurança; além de suas convicções acerca da importância da leitura e escrita e em como ela acreditava que isso poderia mudar sua vida. Ademais, será exposto o ponto de vista do editor do livro quando sentiu a necessidade de não corrigir alguns erros ortográficos da autora, a fim de proporcionar uma experiência realista da obra. Embora semianalfabeta, Carolina descreve poeticamente relatos com cunho crítico acerca de temas atemporais. Sucederá uma pesquisa bibliográfica, descritiva com uma abordagem qualitativa, pois pretende-se identificar as características raciais e políticas apontadas no livro.

**Palavras-chave:** Racismo estrutural. Fome. Feminismo. Realismo.

*Eviction room: Diary of a favela dweller. Na analysis of structural racism.*

**Abstract:** This article aims to observe structural racism within Carolina Maria de Jesus's Quarto de Eviction. In the first moment, works such as, *What is structural racism?*, by Silvio Almeida and, *Small anti-racist manual*, by Djamila Ribeiro will be considered to support the concept of structural racism and how education can change this reality, in the second moment, the behaviors will be considered feminists of the author for being a single mother and not submitting to a man's partner to obtain some type of security; in addition to her clear principles about the importance of reading and writing and how she believed this could change her life. Furthermore, the point of view of the book's editor will be exposed when he felt the need not to correct some of the author's spelling errors, in order to provide a realistic experience of the work. Although semi-literate, Carolina poetically describes critical stories about timeless themes. A bibliographical, descriptive research with a qualitative approach will follow, as it aims to identify the racial and political characteristics highlighted in the book.

**Keywords:** Structural racism. Hunger. Feminism. Realism.

## **Introdução**

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro. (Jesus, 2005, p .147).

A obra *Quarto de despejo, diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, descreve o cotidiano de uma mulher pobre, preta, mãe solteira que luta para sobreviver e alimentar a sua família. Por ser mulher, sofre entre seus vizinhos, desigualdade de gênero, pois eles desdenham a sua inteligência e sua vontade de sair das condições que se encontrava, além do fato de criar seus filhos sem um pai presente.

Jesus relata em seu diário momentos em que presencia suas vizinhas sofrendo violência doméstica e ao longo dos relatos ela aborda as circunstâncias difíceis que vivencia, pois, o governo da época estava negligenciando assistência à comunidade. Nesse gancho, é importante refletir como uma obra publicada em 1960 ainda reflexiona a realidade atual, onde o racismo estrutural continua enraizado na cultura mundial, seja em pequenos ou grandes atos.

Este trabalho visa relacionar a desigualdade racial enraizada, descrita no livro, com os tempos atuais, em que a maioria da população nacional ainda sofre com o racismo estrutural e outras vulnerabilidades sociais que foram citadas pela autora. Pensar a respeito dessas questões nos condiciona a questionar a importância de uma regência responsável ao nosso país e o impacto dessa na vida dos brasileiros. Não só apenas em relação aos preconceitos, mas com a insegurança de condições básicas da vida, como: Saneamento básico, fome e miséria.

Além disso, no âmbito educacional, esta pesquisa colabora para o incentivo às práticas antirracistas dentro de sala de aula, entre os jovens, o encorajamento para que mulheres se esforcem e adquiram sua independência financeira. Nesse processo, obras como, *O que é racismo estrutural?*, Almeida (2019) e *Pequeno manual antirracista*, de Ribeiro (2019) serão contempladas.

Será investigado o racismo estrutural dentro da obra, em seguida, observaremos as atitudes feministas da autora dentro do texto e realizar-se-á a verificação da ortografia de Jesus, onde é implícito seu conhecimento de mundo mesmo com pouca estrutura acadêmica. Sucederá uma pesquisa bibliográfica, descritiva com uma abordagem

qualitativa, pois pretende-se identificar as características raciais e políticas, além de outras problemáticas apontadas no livro.

### **O racismo estrutural dentro da obra *Quarto de despejo***

De acordo com o site Confluentes (2023), podemos entender que “Racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidados na organização da sociedade, privilegiando determinada raça ou etnia em detrimento de outra”. A obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus relata diversas situações em que o racismo estrutural se faz presente. Principalmente com a baixa autoestima da autora por viver em condições precárias. “Saí indisposta com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa.” (JESUS, 2005, p.12)

No decorrer de seus relatos, a autora expõe a inveja que a vizinhança tem em relação a sua luta para ser uma escritora, pois como são acostumados aquela sobrevivência, se quer imaginam serem dignos de uma vida melhor, e muito menos que mulheres podem ser protagonistas de sua própria vida. Embora o Diário de Carolina possua uma representatividade real da vida na favela, também traz uma reflexão acerca dos problemas que são negligenciados, tais como: A necessidade de ter um saneamento que funcione, a extinção da miséria, assim como ter acesso a água e comida de qualidade. Essas negligências que estão atreladas a quem escolhemos para reger nosso país. Em um trecho do livro a autora menciona o impacto dessas condutas políticas na comunidade.

Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa. O Auro perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens. Um pouquinho de cada um, eles vão recuperando o que gastam. Quem paga as despesas das eleições é o povo. (Jesus,2005. p.113).

Além disso, em tese, nos tempos atuais muitos veículos, sejam eles políticos ou sociais, falam sobre a importância de combater o racismo estrutural, mas na prática ainda se evidencia diversos casos de racismo, mesmo em meio a desconstruções sociais pautadas nos dias de hoje. Podemos exemplificar a falta de respeito recorrente entre as pessoas através de episódios, como relatado do site UOL, de maio de 2023, no qual o futebolista Vinicius Junior, jogador do Real Madrid e da seleção brasileira sofreu racismo em seu âmbito de trabalho.

Voltando para o ano em que Jesus lançou sua obra, Garcia (2022), escritora do site "observatório do terceiro setor" (2022) destaca que a obra de Carolina foi traduzida para 14 idiomas e mais de 300 mil cópias foram vendidas nos Estados Unidos. Essa informação é de suma importância para que ocorra a seguinte reflexão: Por que mesmo diante de tanta repercussão, como destacou Frazão (2023), ao afirmar que a obra "transformou-se em um best seller", Carolina voltou às condições precárias, à condição de catadora de papel?

O escritor, advogado, filósofo e professor Silvio Almeida, desenvolveu um livro com o nome: *O que é racismo estrutural?* Onde ele debate sobre raça, racismo e as estruturas das relações sociais. Vamos usar a luz de suas teorias para entender como essa questão racial está atrelada a história do mundo.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (Almeida, 2019, p.18)

Neste gancho, é perceptível que os casos de racismo estrutural vivenciados e registrados através de relatos de 63 anos atrás, ainda são vividos nos tempos atuais, porque as questões raciais implicam para a evolução social. Mesmo ainda vivendo debaixo de negligências não se pode negar que é por intermédio da educação que o mundo consegue evoluir, levar esse tipo de discussão para dentro de sala de aula, seja através de curta metragens como: *Preto no branco* de Valter Rege (2018), as obras literárias de Carolina Maria de Jesus ou qualquer outra referência que faça os aprendizes refletirem sobre práticas racistas e o como podemos repercuti-las sem perceber.

### **A força feminista de Carolina Maria de Jesus**

Através dos relatos da autora, consegue-se inferir que ela possui um olhar crítico sobre como as coisas deveriam se estruturar, para que os pobres não vivessem em estado de miséria. Ademais, nota-se que a insatisfação de Carolina também está voltada à ignorância das pessoas do seu convívio e em como estas práticas podem influenciar na educação dos seus filhos. “A Silva e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem

palavras de baixo Calão. Oh. Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.” (JESUS,2005, p. 14).

A vizinhança de Carolina tinha uma relação de intolerância com a família da autora, por serem crianças criadas por uma mãe solteira que não podia ficar em casa com seus filhos em tempo integral, visto que precisava trabalhar para amenizar as condições precárias em que vivia. Por esse motivo e pelo fato de Carolina querer melhorar suas condições, ela não era bem-vista onde morava. Atualmente, com os avanços dos estudos e das tecnologias, as atitudes de Jesus, como proteger seus filhos, lutar pela sobrevivência, educá-los da melhor forma possível e cultivar a honestidade, mesmo enfrentando uma realidade adversa, marcada pela ausência de uma rede de apoio, podem ser interpretadas como uma expressão de feminismo.

O conceito de feminismo é a luta das mulheres por equidade e respeito dentro da sociedade (Nossa causa, 2020), essa pauta tem um grande espaço nos tempos atuais, onde toda a sociedade, em tese, está ciente dos direitos das mulheres. O governo atual disponibilizou eixos de auxílio e proteção para as mulheres brasileiras, como: a delegacia da mulher, creches gratuitas, hospital da mulher, campanhas sobre violência doméstica e outras medidas protetivas que trabalham a favor da comunidade feminina. No entanto, em 1955, ano em que Jesus começou a relatar sua realidade, as mulheres não possuíam a autonomia dos tempos atuais, suas únicas batalhas vencidas naquela época foram: meninas foram liberadas para frequentar a escola (1827), mulheres conquistam o direito de frequentar a faculdade (1879), o primeiro partido político feminino foi criado (1910), mulheres conquistam o direito ao voto (1932). Pode-se observar que se criava uma voz voltada ao mínimo: educação, porém a comunidade feminina ainda estava cem por cento submissa aos homens. Isto é, o estatuto da mulher casada foi criado em 1962. “Em 27 de agosto, a Lei nº 4.212/1962 permitiu que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar. A partir de então, elas também passariam a ter direito à herança e a chance de pedir a guarda dos filhos em casos de separação.” (Nossa causa, 2020). Nesta perspectiva, a forma como Carolina era tratada perante a comunidade em que estava inserida pode ser justificada, pois, estruturalmente, essa massa não possuía polidez com mães solteiras.

Mesmo realizando todos os seus feitos sem noção alguma sobre causas feministas, Carolina deixou um exemplo de força, persistência, luta e afetividade por residir em uma favela, ser semianalfabeta e mesmo assim possuir um letramento extraordinário de

mundo. A autora desenvolveu a compreensão de que seria melhor ser solteira do que fazer os filhos assistirem a episódios de agressão física e verbal dentro de casa.

### **O realismo dentro do livro *Quarto de despejo***

Audálio Dantas, editor do livro *QUARTO DE DESPEJO*, lutou para que a obra de Jesus fosse vista como literatura, já que alguns críticos da época classificavam o livro como literatura marginal Zambrini (2023). O editor pontua o seu entusiasmo ao olhar os 20 cadernos encardidos de Carolina e, após a leitura, Dantas chegou ao consenso que editora nenhuma conseguiria descrever aquela realidade de miséria tão bem quanto a moradora da favela de Canindé. (Jesus, 2019, prefácio).

Logo após, ele relata as poucas alterações feitas no livro para que a leitura não se tornasse prolixa, pois ocorreram algumas repetições acerca da fome. Dantas menciona o fascínio em ler as frases poéticas de Carolina quando a autora menciona que viu a cor da fome – Amarela.

Neste gancho, o editor sentiu a necessidade de deixar alguns erros ortográficos de Carolina, para que quando o leitor folheasse o livro, sentisse o realismo que esse diário traz. Por ser uma negra semianalfabeta escrevendo um livro repleto de repertório social; o que atrairia a curiosidade dos críticos e da sociedade para Carolina. “Carolina, querendo ou não, transformou-se em um artigo de consumo e, em certo sentido, num bicho estranho que se exibia ‘como uma excitante curiosidade’, conforme registrou o escritor Luís Martins.” (Jesus, 2005. Prefácio).

Além das contribuições sociais trazidas no livro, como: pobreza e miséria, discriminação social, machismo, crime, violência, educação e falta de saneamento básico; Jesus contribuí com questões psicológicas, como a autoestima fragilizada, a atribuição de uma cor para a fome e o cansaço mental. Dentro de um parágrafo a autora semianalfabeta com sua escrita simples, consegue transcrever poeticamente e de forma crítica o seu conhecimento amplo de mundo, enriquecendo o livro e dando voz a uma comunidade marginalizada. “...cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela.” (Jesus,2005, p.43).

### **Considerações finais**

Carolina Maria de Jesus tinha como ideal de vida a leitura e escrita, nas entrelinhas de seus relatos existe a lembrança da importância da educação. A autora ao nomear seu livro como *QUARTO DE DESPEJO* estava se referindo a favela e as condições precárias de vida que aquela comunidade presenciava dia após dia, pois para ela a favela não era um lugar digno para se chamar de lar.

*Quarto de despejo* é uma obra literária que traz contribuições de uma escritora negra que usou da escrita para relatar a vivência de um favelado, protestar as condições miseráveis vivenciadas por sua comunidade, o impacto que a falta de educação reverbera na sociedade e seu desejo por um lugar decente para morar. Diante do que foi posto, podemos concluir que esta obra literária apresenta reflexões pertinentes e atemporais que merecem ser discutidas e tratadas como essenciais para a construção de uma educação antirracista. Posto isso temos que pensar e repensar o embate que a negligência à respeito da educação antirracista repercute dentro da sociedade e a importância de eleger políticos que priorizam a educação, saneamento básico e outras práticas sociais indispensáveis para que o Brasil se torne um país menos negligente.

Além disso, Ribeiro (2019) e Almeida (2019) oferecem contribuições fundamentais para repensarmos o racismo estrutural, evidenciando como as desigualdades raciais estão profundamente enraizadas nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Ribeiro (2019) destaca a importância de reconhecer as intersecções entre raça, classe e gênero, propondo uma análise que vá além das aparências e revele as dinâmicas de exclusão sustentadas pelo sistema. Já Almeida (2019) reforça o caráter sistêmico do racismo, enfatizando que ele não é apenas fruto de ações individuais, mas está institucionalizado e reproduzido por práticas e políticas historicamente construídas. Juntos, esses autores nos convidam a compreender o racismo estrutural como um fenômeno complexo que exige tanto o enfrentamento das estruturas quanto a transformação cultural para efetiva superação das desigualdades.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. . **Racismo estrutural**. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6. Acesso em: 07 abril 2023.

**CONFLUENTES**. *Racismo estrutural: o que é, causas e consequências*. 31 jan. 2023. Disponível em: <<https://confluentes.org.br/2023/01/31/racismo-estrutural-o-que-e-causas-e-consequencias/>> Acesso em: 02 mai 2023.

DIAS, Jéssica. *Entenda o que é apropriação cultural*. **Sagres**, 10 fev. 2023. Disponível em: <<https://sagresonline.com.br/trashed-4/>>. Acesso em: 02 mai 2023.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo, diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005. 173 p. ISBN 85-08-04363-5. Acesso em: 06 dezem 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. *R. Educ. Públ*, Cuiabá, 2012, v. 21, n. 46, p. 275-288, maio/ago. Acesso em: 11 de Abril 2023.

FRAZÃO, Dilva. *Carolina Maria de Jesus*. Resumo da biografia de Carolina Maria de Jesus. **Ebiografia**, 22 mai. 2023. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/carolina\\_maria\\_de\\_jesus/](https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/)>. Acesso em: 26 mai 2023

GARCIA, Maria Fernanda. *Pobre e negra, ela enfrentou o preconceito e seu livro foi traduzido para 14 línguas*. **Observatório do terceiro setor**, 09 mar 2022. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/pobre-e-negra-enfrentou-preconceito-e-teve-livro-traduzido-para-14-linguas/>>. Acesso em: 26 mai 2023.

NOSSA CAUSA. *Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo*. 09 março, 2020. Disponível em: <[https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwg4SpBhAKEiwAdyLwvNf\\_Rylz3Ucrv3FrP60tfJDNXkIsglrjv mN-V84nCAjr9o5qeNAa2RoCymkQAvD\\_BwE](https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwg4SpBhAKEiwAdyLwvNf_Rylz3Ucrv3FrP60tfJDNXkIsglrjv mN-V84nCAjr9o5qeNAa2RoCymkQAvD_BwE)>. Acesso em: 01, out. 2023.

REGE, Valter. **preto no branco**. 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rW5DwuRQVuY>>. Acesso em: 11 Abril 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 136 p. ISBN 978-85-359-3287-4. Acesso em: 07 abril 2023.

UOL. *Vinicius Junior foi vítima de dez casos de racismo e ódio desde 2021*. Vinicius Júnior, do Real Madrid, reage após ouvir gritos de racismo da torcida do Valencia em jogo no estádio Mestalla. 22 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias>>. Acesso em: 26 maio 2023.

ZAMBRINI, Alinis. *Quarto de Despejo: resumo, mensagem e contexto histórico*. 28 Jul, 2023. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/literatura/quarto-de-despejo>>. Acesso em: 29 Out, 2023.